

SOBRE AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA MODERNIDADE LÍQUIDA: REFLEXÕES A PARTIR DE ZYGMUNT BAUMAN

ON WORK RELATIONS IN NET MODERNITY: REFLECTIONS FROM ZYGMUNT BAUMAN

Lara Luíza Silva¹

Lais Barbosa Vieira²

Sinara Guimarães³

João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior⁴

RESUMO:

Os tempos atuais têm sido marcados por intensas e rápidas mudanças, por incertezas, rupturas, reestruturação do capitalismo, flexibilidade nas organizações e enfraquecimento dos movimentos dos trabalhadores. Neste sentido o presente trabalho busca trazer uma reflexão baseada nos escritos de Zygmunt Bauman acerca de como a liquidez da modernidade tem influenciado as relações de trabalho. Inicia-se com um breve resgate dos significados do trabalho ao longo do tempo e pontua sobre a relação capital- trabalho e homem-trabalho neste cenário de fluidez. Conclui que se faz necessário um olhar mais atento no que diz respeito às formas de dominação imbuídas através do trabalho moderno e que sua reestruturação deve estar no sentido de promover a emancipação do sujeito e não o sequestro de sua subjetividade e capacidade crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade Líquida; Relações de Trabalho; Significados do Trabalho.

ABSTRACT:

The current times have been marked by intense and rapid changes, by uncertainties, ruptures, restructuring of capitalism, flexibility in organizations and weakening of workers' movements. In this sense the present work seeks to bring a reflection based on the writings of Zygmunt Bauman about how the liquidity of modernity has influenced the labor relations. It begins with a brief rescue of the meanings of work over time and points out the capital-labor and man-work relationship in this fluidity scenario. It concludes that a closer look is required regarding the forms of domination imbued through modern work and that its restructuring must

KEYWORDS: Net Modernity; Labor Relations; Labor Meanings.

¹ Mestranda em Administração Pública e bacharela em Administração pela Universidade Federal de Viçosa Campus Rio Paranaíba. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8850353132428482>.

² Mestranda em Administração Pública e bacharela em Administração pela Universidade Federal de Viçosa Campus Rio Paranaíba. Servidora técnica em educação na Universidade Federal de Viçosa Campus Rio Paranaíba. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1459925199163123>.

³ Mestranda em Administração Pública e bacharela em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Viçosa Campus Rio Paranaíba, bacharela em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário de Patos de Minas. Servidora técnica em educação na Universidade Federal de Viçosa Campus Rio Paranaíba. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1767809767415042>.

⁴ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos, mestre em Ciências Sociais e licenciado e bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal de Viçosa Campus Rio Paranaíba. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0629454650685817>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XVI Jul-dez 2017 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 04 Páginas 45-56
--	--	------------------------------

01 – INTRODUÇÃO

A atualidade tem sido um tempo de intensas e rápidas mudanças, de processos de rupturas, descontinuidades e incertezas, de reestruturação do capitalismo, flexibilidade nas organizações, enfraquecimento dos movimentos dos trabalhadores, interdependência das economias mundiais e difusão de novas tecnologias (SANTOS *et al.*, 2013).

A nova sociedade líquido-moderna, como descreve o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, é marcada por um momento de fluidez e flexibilidade, período este onde os princípios de ordem e regulação que até então dominavam acabam por ceder lugar à incerteza, consumismo e prazeres imediatos (SILVA, MANDELLI E DIAS, 2015).

Conforme Eufrásio (2011) a modernidade acabou trazendo consigo diferentes desafios e inquietações frente ao destino do homem moderno. Dentre estas questões que merecem ênfase na sociedade capitalista atual está a dimensão do mundo do trabalho.

Neste contexto, o objetivo do trabalho é fazer uma reflexão com base sobretudo nos expostos do autor Zygmunt Bauman acerca das implicações da modernidade líquida sobre as relações de trabalho contemporâneas. Conforme será abordado a seguir, acontece uma mudança radical no que diz respeito à natureza de relação do capital com o trabalho, onde este assume uma postura fluida, leve e independente, abrindo mão de estar preso às fábricas e maquinários pesados para açambarcar uma dimensão perfeitamente transportável, como a de um celular ou um notebook. Para além, a relação do homem com o trabalho assume uma nova postura frente às demandas da modernidade líquida, passando de um laço perene e enobrecedor para um laço efêmero e vinculado ao alcance da satisfação de interesses e prazeres.

02 – A RELAÇÃO HOMEM-TRABALHO-MODERNIDADE

No início das civilizações, conforme citam Rohm e Lopes (2015) o trabalho possuía como finalidade a sobrevivência, delimitando-se à coleta de plantas oferecidas pela natureza e à caça de animais, atividades principalmente físicas. Ao homem era denominada a competência da caça e à mulher as atividades de menor labor físico, sendo a divisão do trabalho de cunho biológico e natural. Com o passar do tempo, na chamada Idade Média e Feudalismo, acontece a estratificação das camadas sociais e do trabalho em si. Nesse momento os nobres e proprietários das terras eram encarregados da atividade de segurança e os camponeses do trabalho na terra para sustento próprio e do feudo, e não havia preocupação com a troca de mercadorias entre as comunidades. No findar da Idade Média, através da Reforma Protestante, surge outra concepção para o trabalho e ele passa a ser visto como algo virtuoso e capaz de conceber ao homem até mesmo a salvação. Nessa mesma época o artesão era dono dos seus instrumentos de trabalho e comandava seu ofício, sendo capaz de perceber o resultado de seu trabalho. No entanto, com o advento da Revolução Industrial inicia-se uma gradativa substituição da utilização da força manual pela força dos maquinários, o que implicou em uma nova forma de organizar e pensar a produção: o denominado sistema capitalista. O surgimento da burguesia e do capitalismo torna a sobrevivência do trabalhador cada vez mais dependente da sua força de trabalho, pois ele não é mais o detentor dos meios de produção.

Albornoz (2008) aponta que o trabalho faz parte da história humana por ser modificador do próprio homem, mediar a constituição da sua identidade e a construção permanente da sociedade. Bauman (2001) afirma que o trabalho é um daqueles “conceitos básicos em torno dos quais as narrativas ortodoxas da condição humana tendem a se desenvolver”. No entanto essa mesma força de trabalho acaba por ser “mercantilizada” e adquire caráter distinto no decorrer do tempo, conforme observar-se-á no decorrer do texto.

A obra Modernidade Líquida de Bauman (2001) faz vários apontamentos no que diz respeito às transformações que implicaram em mudanças nas relações

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 04 Páginas 45-56
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

entre o homem e o trabalho. Segundo esse autor, o início das mudanças se dá principalmente quando o Estado Moderno perde o poder de estimular as pessoas ao trabalho, uma vez que este poder começa a ser retirado da política, instrumento que ditava as regras e deveres da sociedade. O poder começa a fluir para além das instituições e agências e a ideia de progresso, antes comunitária, agora assume um viés individualizado, onde homens e mulheres devem por si mesmos procurar recursos para alcançarem uma condição mais satisfatória e então abrir mão de situações das quais eles se ressintam.

No que tange ao trabalho, segundo Bauman (2001) várias foram as virtudes que lhe foram atribuídas, a exemplo do aumento da riqueza e erradicação da miséria, e além destes benefícios estava sempre implícita a ideia do estabelecimento da ordem, através da qual a espécie humana teria condições de comandar seu próprio destino. Assim sendo, o trabalho seria uma espécie de esforço coletivo onde todos os sujeitos deveriam participar como “condição natural” e o fato de não trabalhar seria uma “anormalidade”, uma vez que ele era o instrumento de aperfeiçoamento moral e de elevação dos padrões éticos da sociedade. Estes eram os elementos vigorantes nos tempos de modernidade sólida, momento em que o trabalho era vinculado ao capital de uma forma estável e dependente, ou seja, o trabalhador precisava de seu emprego e o empregador reconhecia a necessidade desta mão-de-obra para sua produtividade.

Acerca dessa problemática Rohm e Lopes (2015) pontuam que com a explosão do capitalismo no mundo, o processo educativo e de desenvolvimento do ser social por meio do trabalho acaba por ser negligenciado, já que os conhecimentos não são transmitidos com a sua verdadeira significância social, o trabalho e a educação passam a ser compreendidos como simples tarefa do homem, para fins de melhoria do nível de renda, promoção social e inserção na sociedade capitalista. A respeito de sua longevidade, Bauman complementa afirmando que esse momento de ordem sólida deveria ser destinado a durar, apontando que:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 04 Páginas 45-56
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

O local de construção da nova ordem industrial era repleto de monumentos ao poder e à ambição, monumentos que, fossem ou não indestrutíveis, deveriam parece-lo: fábricas gigantescas lotadas de maquinaria volumosa e multidões de operadores de máquinas, ou densas redes de canais, pontes e trilhos, pontuados de majestosas estações dedicadas a emular os antigos templos erigidos para a adoração da eternidade e para a eterna glória dos adoradores. O mesmo Henry Ford que declarara que “a história é bobagem”, que “não queremos tradição” e que “queremos viver no presente e a única história que importa é a história que fazemos hoje”, um dia dobrou os salários dos seus trabalhadores, explicando que queria que eles comprassem os carros que produzia. Essa explicação era falsa... a verdadeira razão para o passo heterodoxo era o desejo de Ford de deter a mobilidade irritantemente alta do trabalho. Ele queria atar seus empregados às empresas... e para alcançar tal efeito tinha que imobilizar sua equipe, para mantê-los onde estavam, de preferência até que sua força de trabalho fosse inteiramente utilizada (2001, p.165-166).

De fato, esta era a fase do capitalismo pesado, na qual a relação entre o capital e trabalho poderia ser comparada ao casamento, considerado divino e inseparável, união para a vida toda, com a concordância de ambas as partes (Bauman, 2001). Diferente do que vivemos hoje no capitalismo leve, onde essa união poderia ser desfeita a qualquer momento. Nesse contexto novas formas de pensar foram surgindo, a ideia de futuro começa a ter outro sentido e a vida nos novos tempos, denominados agora de modernidade líquida, vem sendo guiada pelos preceitos de flexibilidade e planos de vida a curto prazo se contrapondo aos planos de longo prazo. Nos dizeres de Bauman “os atos de trabalho se parecem mais com estratégias de um jogador que se põe modestos objetivos de curto prazo, não antecipando mais que um ou dois movimentos.” Desta forma, o trabalho assume um novo caráter, em suas palavras:

Talvez o termo “remendar” capte melhor a nova natureza do trabalho separado do grande projeto de missão universalmente partilhada da humanidade e do não menos grandioso projeto de uma vocação para toda a vida. Despido de seus adereços escatológicos e arrancado de suas raízes metafísicas, **o trabalho perdeu a centralidade que se lhe atribuía na galáxia dos valores dominantes na era da modernidade sólida e do capitalismo pesado.** O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar auto definições, identidades e projetos de vida. Nem pode ser concebido com facilidade como fundamento ético da sociedade, ou como eixo ético da vida individual. Em vez disso, **o trabalho adquiriu- ao lado de outras atividades da vida- uma significação principalmente estética...Raramente espera-se que o trabalho “enobreça” os que o fazem, fazendo deles “seres humanos melhores”,** e raramente alguém é admirado e elogiado por isso. A pessoa é medida e avaliada por sua capacidade de entreter e alegrar, satisfazendo não tanto a vocação ética do produtor e criador quanto as necessidades e desejos estéticos do consumidor, que procura sensações e coleciona experiências (2001, p.160-161, grifo nosso).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 04 Páginas 45-56
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Segundo os escritos acima nota-se que o trabalho perde sua característica central e sua capacidade de funcionar como identidade valorativa do sujeito, atuando mais como uma condição e estímulo para o consumo e implicando na perda do sentido de trabalho como agente promotor de conhecimentos, habilidades e emancipação. Da mesma forma, a separação dos trabalhadores de suas fontes de existência criaram condições para que o trabalho fosse mercadorizado, principalmente ao notar-se que ele era a principal fonte de riqueza, razão pela qual deveria ser explorado do modo mais eficiente possível. Para Appel-Silva e Biehl (2006) as concepções sobre o trabalho começaram a se modificar entre os dirigentes organizacionais, num ideal de necessidade de mudanças profundas das empresas, sob pena de falência e perda do mercado, devido principalmente ao aquecimento da concorrência entre as empresas.

Bauman (2001) salienta que ao utilizar o trabalho com esse enfoque de eficiência e curto prazo a consequência iminente é sua precarização, uma vez que ele se vê despedido de suas garantias e perspectivas sólidas e assume uma perspectiva episódica onde existem poucas chances de que a lealdade e o compromisso mútuos, antes presentes nos tempos do capitalismo pesado, existam e se enraízem. A nova identidade do trabalho é marcada por fugacidade e comparada a um acampamento onde as pessoas visitam por alguns dias e sentem-se a vontade para ir embora a qualquer momento quando não percebem vantagens suficientemente satisfatórias, num momento onde Bauman caracteriza como advento do capitalismo leve e flutuante, notado pelo desengajamento e enfraquecimento dos laços que atam o capital ao trabalho, ele assinala que:

Numa medida nunca alcançada na realidade pelos “senhores ausentes” de outrora, o capital rompeu sua dependência em relação ao trabalho com uma nova liberdade de movimentos, impensável no passado. A reprodução e o crescimento do capital, dos lucros e dos dividendos e a satisfação dos acionistas se tornaram independentes da duração de qualquer comprometimento local com o trabalho (2001, p.171).

Seguindo então essa perspectiva, o capital acaba por tornar-se exterritorial e com mobilidade espacial capaz de submeter inclusive agências políticas territoriais aos seus desígnios com a simples ameaça de romper laços e mudar-se para outro local. Em outras palavras, no âmbito empresarial isso pode

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XVI Jul-dez 2017 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 04 Páginas 45-56
--	--	------------------------------

significar que o governo não utilizará seus poderes reguladores para inibir ou restringir as liberdades do capital, na prática funcionando com a baixa de impostos, diminuição das regras, mercado de trabalho flexível e população dócil que não ofereça resistência às decisões do capital.

Assim, o capital em sua forma leve, livra-se dos maquinários pesados e viaja facilmente através de um notebook ou até mesmo um celular. O fator preocupante é a dominação e coerção impostas por trás de toda essa liberdade. Conforme aponta Bauman citando Michel Crozier:

Estar livre de laços complicados, compromissos embaraçosos e dependências limitadoras da liberdade de manobra foram sempre as armas preferidas e eficazes da dominação; mas a oferta dessas armas e a capacidade de usá-las parecem hoje distribuídas de maneira mais desigual do que nunca antes na história moderna (2001, p.173).

Novas formas de exploração e de obtenção de lucro são formuladas, encontrando seu apogeu não mais em objetos materiais, mas sim em ideias e, que se tornam lucrativas quando o público alvo deixa de ser os produtores e passa a ser os consumidores. Concomitantemente a este fato, o poder de pressão da força de trabalho local sobre o capital começa a sofrer drástica diminuição, ao passo que quem dita as regras da mobilidade do capital é a presença ou não de consumidores em um determinado local. Neste modelo, os trabalhadores denominados “de rotina” que comumente ficam presos aos maquinários para desempenhar suas funções acabam se tornando obsoletos, precarizados, perfeitamente dispensáveis, disponíveis e substituíveis por aqueles que têm um diferencial a oferecer. Ferrer (1998) coloca que as principais características exigidas para este trabalhador moderno são: uma postura flexível, subordinável, ágil, aberta a mudança em curto prazo e boa adaptabilidade para conviver com um ambiente de incertezas, além disso, Silva, Mandelli e Dias complementam acerca de suas habilidades que:

Mais do que gerais da ordem, **os gerentes na sociedade contemporânea precisam saber lidar com o caos**. Não apenas no sentido de prever as mudanças e antecipar-se a elas, como também **incentivar** dentro dinâmica organizacional vigente, **nos trabalhadores, o desenvolvimento de habilidades para atuarem em estado constante de crises e viragens** (2015, p.302, grifo nosso).

A consequência de tantas exigências e requisitos manifesta-se e materializa-se em trabalhadores cada vez mais desmotivados e descomprometidos com suas funções, desconfiados sobre suas próprias potencialidades e desvinculados de suas tarefas. Diante de tantas incertezas eles se veem desinteressados em investir raciocínio e energia conforme descreve Bauman citando Sennett:

Em todas as formas de trabalho, da escultura a servir refeições, as pessoas se identificam com tarefas que as desafiam, tarefas difíceis. Mas nesse lugar de trabalho flexível, com seus trabalhadores políglotas que entram e saem irregularmente, com ordens radicalmente diferentes a cada dia, o maquinário é o único padrão de ordem, e portanto tem que ser fácil de operar por qualquer um. A dificuldade é contraproducente num regime flexível. **Por um terrível paradoxo, quando diminuimos a dificuldade e a resistência, criamos as próprias condições para a atividade acrítica e indiferente dos usuários** (2001, p.175, grifo nosso).

Por conseguinte é possível dizer que as organizações modernas líquidas ocupam-se de maneiras mais soltas de se formar, tendem a não falar sobre controles, liderança e gerência, mas sim de influências. Para Bauman elas têm em si um elemento de desorganização deliberadamente embutido: quanto menos sólida e mais fluida, melhor. Segundo Barroso (2009) a mudança na relação do indivíduo com a coletividade pode ser parcialmente relacionada ao enfraquecimento do modelo institucional patriarcal, hierárquico, verticalmente organizado e centralizador onde os mestres e líderes de antes, creditados de um saber que podia ser tomado como diretriz são substituídos por autoridades diversas e, por isso, menos poderosas como referência. Conforme cita Coutinho (2004):

Nossa civilização hipermoderna [...] é uma civilização sequiosa de referências, sequiosa de mestres avaliadores, vulnerável, portanto, a qualquer aventureiro disposto a ocupar, como cínico impostor, o lugar deixado vazio pelo mestre, pelo pai.

O fruto de tamanha flexibilidade, tecnologia, racionalização e substituição pode ser observado no desemprego estrutural que assola a contemporaneidade, num cenário em que ninguém pode sentir-se verdadeiramente seguro. Nesse sentido Eufrásio (2011) pontua que a tendência com este tipo de capitalismo de fato não é garantia de emprego para todos os indivíduos, pois é possível que diferentes formas de trabalho coexistam contemporaneamente neste contexto de mercado, e

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	Número XVI Jul-dez 2017 periodicoscesg@gmail.com	Trabalho 04 Páginas 45-56
--	--	------------------------------

Soares (2008) complementa que podem vir a existir variadas formas de relações de trabalho que não obedecem ao assalariamento, mas que partem do pressuposto da produção, e que simultaneamente ao crescimento populacional surgirá o desemprego uma vez que os investimentos não são capazes de absorver toda mão de obra disponível, criando uma geração de jovens ociosos e de trabalhadores dispensados.

Antunes (1999) alerta ainda que as mudanças provocadas no mundo e nas relações de trabalho acabam por afetar a maneira de ser do trabalhador e colaboram para o desemprego, diferença salarial, informalidade e desvalorização da força de trabalho. Segundo o autor a década de 80 foi crucial na história do mundo do trabalho ao evidenciar uma dupla crise: uma que atingiu a materialidade, a objetividade da classe trabalhadora, e a outra como resultante da primeira que alcançou o plano da subjetividade do trabalho.

Essa ausência de segurança atrelada às condições econômicas e sociais incertas faz então com que homens e mulheres percebam o mundo como um contêiner de objetos descartáveis para uma só utilização, inclusive os outros seres humanos. Convém então diante deste futuro nebuloso aproveitar as oportunidades aqui e agora, não aprovisionar objetivos distantes e não ficar esperando por uma felicidade que possa vir amanhã. Laços humanos se enfraquecem e decompõem-se diante desta realidade, compromissos do tipo “até que a morte nos separe” são substituídos por contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, estas parcerias são vistas como coisas a serem consumidas e não produzidas (Bauman, 2001).

A flexibilidade e mutabilidade são conceitos que imperam e já nos lembra Eufrásio (2011) que este modelo flexível de produção e controle do trabalho fez com que a produção estruturada a partir do processo produtivo flexível convertesse o trabalhador num sujeito polivalente na operacionalização de diversas tarefas e funções de forma a encadeá-lo entre as atividades de concepção e execução. Salienta ainda que para que o sistema capitalista operacionalize suas estratégias produtivas em regiões ou nos países em desenvolvimento e nos países de economia estagnada, evidencia-se medidas mais drásticas e desumanas de exploração da mão de obra, utilizando-se sobretudo do aumento da jornada de trabalho para não

afetar negativamente a taxa de lucros e assim a flexibilização se mostra uma ferramenta econômica propícia a lógica do modelo globalização econômica, capaz de diminuir a proteção social jurídico-legal e deixar o espaço livre para a ação do capital que agora é cada vez mais fluido.

Para Antunes (1999), o trabalho na sociedade capitalista é tido como assalariado e alienante e que seu sentido anterior como forma de realização produtiva e reprodutiva foi gradualmente alterado. À medida que é utilizado pelo capital apenas como um meio de acumulação, o trabalho acaba perdendo o seu sentido anterior de criação de coisas úteis para a realização humana.

Além de todas esses efeitos, Appel-Silva e Biehl (2006) ainda descrevem que o trabalho flexível é estruturado em condições e regras muito contraditórias o que acaba por dificultar o processo de internalização de valores culturais e formação de identidade emocional com o trabalho, uma vez que essa postura maleável, ágil e aberta a mudanças exigida do sujeito não é capaz de proporcionar envolvimento pessoal e entrega por parte dos mesmos (Bauman, 2001). Por outro lado, sabe-se que a produtividade e dedicação está intimamente ligada com a vinculação e apego dos indivíduos aos seus postos de trabalho, que se veem então muitas vezes confusos diante de exigências tão incoerentes e podem inclusive se auto-responsabilizar por sua ineficiência e até demissão. No entendimento de Appel-Silva e Biehl (2006) devido à crença da autonomização do indivíduo acaba por manifestar-se uma tendência de os sujeitos se responsabilizarem pelo próprio emprego-desemprego, sucesso-fracasso e inclusão-exclusão social estando sempre num risco iminente.

Assim, nos tempos de modernidade líquida a dominação e coerção embutidas fazem-se presentes através de vários mecanismos e processos e apresentam resultados diversos como os expostos acima e também na falta de capacidade crítica interior dos sujeitos diante das situações e perda de sua autenticidade e identidade, uma vez que buscam sempre os objetivos empresariais em detrimento dos próprios objetivos. Appel-Silva e Biehl bem colocam que:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 04 Páginas 45-56
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

O risco do fracasso na prática do trabalho, sem a possibilidade de controle sobre as condições envolvidas, é um fator que pode funcionar como coerção interna através do medo. **Este é alienante, quando vivenciado de modo contínuo, à medida que causa uma atenção focal sempre ativa e uma consciência fragmentada, com pensamentos que não se associam adequadamente para permitir uma compreensão complexa e analítica do contexto.** Porém tende a promover a produtividade no trabalho por parte dos sujeitos, fazendo com que os objetivos empresariais sejam alcançados, mesmo que estes objetivos não tenham sido inteiramente internalizados pelos sujeitos (2006, p.527, grifo nosso).

04 – CONCLUSÃO

Diante de todos os expostos então, é certa a necessidade de reflexão profunda acerca dos rumos que as relações de trabalho têm traçado e quais são as perspectivas dos trabalhadores dentro deste contexto. É preciso um despertar de olhar mais analítico e perspicaz sobre as formas de dominação imbuídas nas atividades desempenhadas e em suas vinculações porque não parece que os tempos de modernidade líquida, desejosos por sua liberdade e autonomia tenham de fato contribuído para a emancipação e plenitude do homem enquanto sujeito trabalhador, pelo contrário, tem intensificado o sequestro de sua subjetividade e capacidade crítica.

05 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, S. *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 2008. Col. Primeiros Passos.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

APPEL-SILVA, Marli; BIEHL, Kátia. Trabalho na pós-modernidade: crenças e concepções. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 6, n. 2, p. 518-534, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XVI Jul-dez 2017	Trabalho 04 Páginas 45-56
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

BARROSO, Adriane de Freitas. Pela responsabilização subjetiva na modernidade líquida: novos arranjos no espaço público e em seus programas. *Mal-Estar e Sociedade*, v. 2, n. 2, p. 25-46, 2009.

EUFRÁSIO, Marcelo Alves Pereira. As transformações no mundo do trabalho frente a globalização. *Revista Labor*, Fortaleza, v. 1, n.5, 2011. Disponível em: <http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume5/7_Marcelo_Eufrasio.pdf>. Acesso em:

COUTINHO, F. *O sujeito hipermoderno e o medo*. Latusa, Rio de Janeiro, n. 9, p. 83-90, out. 2004.

FERRER, F. *Reestruturação capitalista: caminhos e descaminhos da tecnologia da informação*. São Paulo: Moderna, 1998.

ROHM, Ricardo Henry; LOPES, Natália Fonseca. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 332-345, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1679-395117179>>. Acesso em:

SANTOS, Ana Cristina Batista et al. “Novos” discursos sobre o trabalho? Reflexões sobre as concepções de graduandos em administração. *Gestão e Sociedade*, v. 7, n. 17, p. 138-166, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21171/ges.v7i17.1625>>. Acesso em:

SILVA, Rafael Bianchi; MANDELLI, Jessica Pedrosa; DIAS, Daniela Midori Taguchi. Sobre a relação homem-trabalho no contexto da sociedade líquido-moderna: reflexões a partir de Zygmunt Bauman. *Barbarói*, Capão da Canoa, v. 1, n. 45, p.293-309, 2015. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/5263>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

SOARES, Marcos Antonio Tavares. *Trabalho Informal: da funcionalidade à subsunção ao capital*. Vitória da Conquista: Edições UEBS, 2008.